

# As esquerdas e as novas lutas sociais na América Latina\*

*James Petras\*\**

## *Resumo*

O objetivo deste artigo é demonstrar que uma nova onda de lutas sociais se desenvolve na América Latina e analisar algumas características (composição social, formas de organização e de luta) de seu principal pólo dinâmico: o novo campesinato.

Agradeço ao convite e volto aqui com um discurso sobre a recuperação da esquerda na América Latina. Paradoxalmente, este não é o melhor lugar para abordar o tema, pois as grandes cidades não são o *locus* em que está surgindo a nova esquerda latino-americana, sendo esta uma primeira tese a ser estabelecida. Pode parecer surpreendente falar da recuperação da esquerda frente a retrocessos eleitorais de partidos com ela identificados, fenômeno que se multiplica em muitos países do continente.

Por outro lado, creio que falar da esquerda na atualidade é algo confuso, precisamente no momento em que grandes autores acadêmicos estão falando do triunfo do neoliberalismo em todas as partes da América Latina. Como entendemos então o tema da recuperação?

Primeiro, creio que devemos deixar claro o que é esquerda. Para isto, temos de distinguir três diferentes ondas da mesma em diferentes períodos, diferentes gerações e diferentes contextos político-sociais. Ou então, poderemos cair em confusão e perder a clareza em torno do que está ocorrendo agora. Este é o começo.

Em segundo lugar, como identificamos os elementos do surgimento de uma nova esquerda na América Latina?

Iniciaremos afirmando que o surgimento ocorre no campo. Isto fica evidente quando analisamos toda a América Latina, a começar pelo México. Aí o grande desafio ao partido estatal, o PRI, está na luta no campo, destacando-se o Movimento

\* Texto baseado em conferência realizada em 22 de novembro de 1996, na PUC-SP. Transcrição das fitas por Margot Soria Saravia, doutoranda em Ciências Sociais na PUC-SP e professora da Universidad Mayor de San Andres, La Paz, Bolívia. Revisão: Lúcio Flávio de Almeida e Cássia Chrispiniano Adduci.

\*\* Professor do Departamento de Sociologia da State University of New York, Binghamton, N.Y.

Guerrilheiro Indígena Camponês Zapatista e agora também o Exército Popular Revolucionário. Além de uma série de organizações revolucionárias camponesas em Guajaca, Guerrero e em outras regiões do Sul, e vários outros grupos armados que estão, há tempos, se organizando.

Dirijamo-nos mais para o Sul. Em El Salvador, a separação de movimentos camponeses do movimento Farabundo Martí, verificada nos últimos meses, é outra indicação de que os acordos escritos nos pactos de paz não estão produzindo nenhum resultado positivo para os camponeses. Na Colômbia, as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc), um grupo guerrilheiro antigo, deram um salto muito importante nos últimos tempos. Junto com o crescimento de grandes mobilizações camponesas em várias regiões, realizam-se ações armadas a 40 km da capital que se irradiam pelo conjunto do país.

Passando ao Brasil, os pontos mais débeis e a oposição mais forte estão no campo, com o Movimento Sem Terra, onde as ocupações e os enfrentamentos são muito mais intensos do que outras manifestações de adversários do governo neoliberal. Também existem casos na Bolívia, no Paraguai e mesmo no Equador, onde os movimentos rurais adquirem grande importância e o eixo das lutas passa pelo campo.

Junto a estas, outras instâncias de oposição estão crescendo em âmbitos diversos, como os movimentos provinciais na Argentina: greves gerais protagonizadas recentemente pelos sindicatos tradicionais, mas que podem ser consideradas ações bastante ambíguas em todos os sentidos. Ambigüidade no conteúdo da liderança e ambigüidade sobre as perspectivas de continuidade.

Outras expressões de oposição nas cidades encontram-se no Chile e, em menor grau, no Brasil e Uruguai. Por fim, temos o caso da Venezuela que registrou manifestações violentas em Caracas e em outras províncias e cidades. Então, não é o campo que domina por completo a luta oposicionista, mas creio que, considerado em termos orgânicos, com perspectivas de transformação, o campo volta a ser o centro da ação.

O epitáfio escrito sobre os camponeses como força revolucionária está presente na obra do historiador inglês Eric Hobsbawm. Em seu último livro, *Era dos Extremos*, este autor recorre a um argumento tendencioso, pouco informado e escrito com uma visão eurocêntrica, ao afirmar que o capitalismo modificou as sociedades de tal maneira que os camponeses ficaram reduzidos a uma minoria incapaz de se apresentar como uma força

transformadora. Hobsbawm substitui a análise sociopolítica por argumentos demográficos e estatísticos, incorrendo, assim, em vários problemas metodológicos.

Em primeiro lugar, as porcentagens não modificam o fato de que milhões de famílias seguem vivendo no campo. Em segundo, a crise urbana e o crescimento do desemprego estão criando um desestímulo à migração rural. Em terceiro, a política de livre mercado não está estimulando os camponeses à busca das cidades. E, em quarto lugar, há tendências, inclusive de retorno das cidades para o campo, em um momento em que avança um processo de ocupação de terras, verificando-se um fenômeno de "recampesinato", com a reincorporação de muitos trabalhadores urbanos (ou de muitos cidadãos) ao trabalho rural.

Outro ponto que o dr. Hobsbawm deve levar em conta é que a economia liberal está golpeando fortemente os pequenos produtores e os filhos e filhas dos camponeses, que já não têm alternativa de continuar na forma tradicional, dentro do marco de pequenos produtores, devido ao fato de que os mercados regionais estão saturados por importações.

Mas, além dessas considerações estruturais, está o fato de que temos uma nova geração de camponeses que possuem características muito diferentes do campesinato tradicional, com melhor educação, um conhecimento bastante sofisticado da política nacional e internacional e estão comprometidos com a formação de quadros e dirigentes a partir das lutas no campo.

Se, além disso, levarmos em conta fatores objetivos e subjetivos, teremos elementos para entender porque estão surgindo grandes lutas no campo. Lutas que põem em questão este fenômeno que se chama neoliberalismo. Para isto temos que observar algumas das características deste novo campesinato e creio que há cinco teses para compreendê-lo.

A primeira é que muitos não são camponeses em suas origens. Em vários países, são provenientes de outras áreas da economia. Uns vieram da mineração, como na Bolívia; outros, da construção; outros são trabalhadores excluídos da agroindústria. Este excesso de agricultores e camponeses, que, em alguns casos, entram em contato com a igreja e incorporam-se à luta depois de voltar a trabalhar no campo, é um fenômeno importante em vários países.

Hoje em dia, este campesinato não se limita a cultivar a terra, mas também viaja às cidades, participa de foros internacionais, negocia em nível nacional, forma alianças, realiza acordos com

outras forças políticas. Sob o ponto de vista da quantidade e da qualidade, estamos falando de um tipo de camponeses intelectuais que amadureceram. Podemos vê-los a partir das escolas de quadros que formam e criam dirigentes. Nelas vigora o preceito de que cada filiado pode ser um organizador, ou seja, o velho princípio anarquista, muito presente aqui no Brasil, onde existem escolas organizadas, com programas bem elaborados de capacitação política e técnica. Os camponeses do Movimento dos Sem-Terra, a cada três meses, contam com a formação de oitenta ou mais dirigentes, em vários níveis.

Porém, há outros movimentos que não têm seus programas tão elaborados, mas que estão acompanhando o processo de capacitação e preparação ideológico-política para avançar a luta.

O segundo ponto sobre o novo campesinato é que são autônomos politicamente, não se constituindo em braço organizativo dos partidos políticos, nem de outros organismos. Em todas as partes, suas origens são independentes dos partidos e sua força está precisamente em sua capacidade de organizar atividades extraparlamentares. Isso não significa que não funcionem, em algum momento, relacionados com algum partido e que não participem em alguma eleição. Este é o caso inclusive do Brasil, onde o MST apoiou a campanha eleitoral, mas, tanto neste como em outros países, o ritmo da luta e as mobilizações funcionam antes, durante e depois das campanhas eleitorais, e as decisões em relação à luta são tomadas independentemente dos comandos dos partidos políticos e organizações eleitorais, sendo este ponto muito importante para entender a dinâmica existente. No Paraguai, Bolívia, Colômbia e no México, os partidos de esquerda não têm nenhuma influência hegemônica, nem são os criadores que influem sobre a dinâmica e as origens dos novos movimentos camponeses.

Como terceiro ponto, destaca-se que os novos movimentos camponeses estão principalmente orientados para atividades extraparlamentares e é certo que, em algum momento, estão exigindo mudanças na legislação, pressionando os partidos e os governos. Para mudar a legislação, as negociações estão situadas em um contexto de mobilizações fora dos congressos e independentemente dos parlamentos.

O quarto ponto sobre os novos movimentos camponeses é que, em grande parte, estão influenciados pelo marxismo, mas em contextos diferentes, onde fatores étnicos influem tanto na prática como no conteúdo da luta. Assumem importância as reivindicações

étnicas, lingüísticas, culturais, inclusive reivindicações nacionalistas, as mesmas que entram para definir a política do novo campesinato.

Como quinto ponto, todos os novos movimentos camponeses têm vínculos, em um grau ou outro, com organizações nacionais e, em menor grau, chegam a se articular internacionalmente. Está havendo uma reunião nas Filipinas, com a participação de várias organizações nacionais. Ela foi preparada com grande esforço e tem como objetivo coordenar e trocar informações sobre a luta antiimperialista.

Em poucas palavras, o ressurgimento do movimento camponês, nos anos 90, não é simples, não é a reprodução do movimento dos anos 60. Em muitos casos, os movimentos atuais estudam os êxitos e os fracassos dos movimentos anteriores e estão conscientes de que, de alguma forma, existe continuidade com alguns antigos líderes e experiências anteriores. Mas esta forma de movimento camponês tem pouco a ver com os movimentos camponeses situados em setores considerados tradicionais.

Agora, qual é o contexto político em que ressurgem os movimentos camponeses revolucionários? Creio que, em primeira instância, ele é marcado pela imobilização dos sindicatos urbanos. Estes deixaram de constituir um fator dinâmico transformador e a tendência dos partidos de centro-esquerda é, cada vez mais, assimilar e ocupar espaços dentro do *status quo*, incorporando elementos significativos do discurso neoliberal.

O imobilismo na cidade, a assimilação dos partidos de centro-esquerda ao sistema atual está gerando uma frustração entre muitos setores sociais negativamente afetados pelo neoliberalismo. Nesta situação, não surpreende que alguns setores da burguesia estejam estimulando os movimentos camponeses como instrumento tático para debilitar os regimes. Às vezes, encontramos nos grandes meios de comunicação reportagens favoráveis, por exemplo, ao MST ou, no caso da Bolívia, reportagens favoráveis aos movimentos camponeses dos *cocaleros*. Por quê? Porque é uma forma de desgastar o regime e aproveitar o desgaste para tratar de modificar a política neoliberal. Também é surpreendente como, nas cidades, os pobres, os favelados estão a favor das ocupações e da dinâmica existente e vêem com simpatia as grandes ações e enfrentamentos que ocorrem no campo, como um pólo de vitória contra o derrotismo e clientelismo que se expressa nos grandes centros urbanos.

Como entender tudo isto dentro da trajetória da esquerda?

Bem, creio que devemos identificar três ondas de esquerda. A primeira iniciou-se nos anos 60 e foi até metade dos 70. A respeito dela, não devemos fazer nenhuma referência especial ao livro de Jorge Castañeda (*A utopia desarmada — intrigas, dilemas e promessas da esquerda latino-americana*, N. do E.), que tem pouco rigor, pouco conhecimento do que eram os anos 60. É um tipo de *Bonnie and Clyde*, escrito para uma audiência de centro-esquerda, confirmando todos os seus preconceitos sobre o período. Existiam, nesta época, movimentos eleitorais camponeses combinados com sindicatos, movimentos revolucionários camponeses, guerrilheiros vinculados a movimentos de classe e guerrilheiros menos vinculados.

Este conjunto de forças continha várias correntes políticas: partidos comunistas, partidos maoístas, fidelistas, partidos de influências trotskistas, além de populistas radicais, que adotaram o modo de atuação da época. Esta onda se quebrou frente à repressão e ao terrorismo. Muitos dos sobreviventes foram à Europa e se vincularam à social-democracia ou se deixaram influenciar por ela. Alguns foram mais longe, assimilando a doutrina neoliberal. Temos exemplos claros desta época, como o presidente Cardoso, que tem seu auto-exílio, depois seu vínculo com a fundação Ford e, mais adiante, com os Estados Unidos; Jaime Paz Zamora, na Bolívia, que terminou seu mandato como um presidente repressor; e o presidente Aylwin, no Chile, que está funcionando em cooperação com Pinochet e sua constituição, suas leis repressivas, no país mais liberal do continente; ou os antigos *montoneros*, convertidos em empresários ou espadachim de Menem. E poderíamos seguir a lista de ex-esquerdistas dessa época com outros casos mais.

Muita gente, com pouca sofisticação, continua se referindo, de alguma forma, a esta geração como "a esquerda" porque, apesar da conversão, muitas dessas pessoas seguem chamando-se de esquerdistas e criticam o passado, fazendo referências à sua renovação como a esquerda renovada, a esquerda moderada, o socialismo liberal, enfim, toda uma série de frases em que não aceitam que são a direita e defendem a direita. Seguem utilizando frases do passado com uma prática completamente vinculada a políticas de direita.

A segunda onda surge após ditaduras como a primeira oposição aos regimes autoritários e se formou, em grande parte, em São Paulo. Ela inclui os sandinistas, a Frente Ampla uruguaia, muitos setores do Partido dos Trabalhadores, no Brasil, e, no México, do

Partido da Revolução Democrática. Estas frentes começaram criticando as políticas liberais, com grande vontade na organização das lutas sociais e políticas, com uma visão de transformação, de confrontação. Mas terminam, algumas de fato e outras implicitamente, devido às suas ações e coalizões, aceitando a globalização como inevitável, irreversível. Identificando o Estado como inimigo, aceitam as privatizações com matizes, alguns aplicando-as mais humanamente etc. Esta onda começa a perder sua identidade como esquerda. No processo de sua transformação, vai se divorciando das lutas populares, imita o comportamento da direita e se esforça por montar máquinas eleitorais com política clientelista. Em outro nível, funciona a partir da política publicitária, projetando imagens com as quais se oferecem como pessoas mais capazes de administrar o neoliberalismo do que os da direita no poder. São mais honestos, mais retos, mais virtuosos que os outros, que são corruptos. O discurso moralizante cobra muitos pecados com relação aos projetos originais e isto já esgota a definição de esquerda sob o ponto de vista da segunda onda.

Examinemos agora o que chamo de terceira onda da esquerda. Ela surge com grande visibilidade nos anos 90 e está representada pelos camponeses, dirigentes sindicais provinciais, professores primários e secundários.

Esta onda, estes novos movimentos sociopolíticos são significativamente diferentes das experiências anteriores. Primeiro, a representação universitária é quase nula. Os universitários primam pela ausência na liderança, atividade, elaboração e colaboração com estes movimentos. Em grande parte, os intelectuais e os universitários seguem a saga da centro-esquerda, da geração anterior, e estão preocupados com suas carreiras profissionais. Os líderes atuais são, em sua maioria, camponeses e pessoas de origem popular, trabalhadores ou empregados de baixo nível de renda.

Um segundo ponto a ser destacado é que os novos movimentos têm muito poucos recursos financeiros, mas estão cheios de mística, de capacidade de injetar sua energia na forma de se organizarem. Viajam de ônibus durante trinta, quarenta horas, para fazer política. São pessoas, movimentos que não possuem grandes burocracias, nem muitos funcionários. Os escritórios são muito simples, com poucos móveis e pequena capacidade de utilizar as grandes inovações tecnológicas. Não existem privilegiados, os carros são pobres. Algumas vezes, viajando com camponeses paraguaios, usamos os pés para frear o carro no caminho até os assentamentos.

O mais importante é que são líderes virtuosos, no sentido de que são muito honestos e cuidadosos no manejo dos fundos e nas suas relações pessoais. E mais: os novos líderes são pouco personalistas, não são caudilhos. Grande parte deles discute em assembleias e participa de lideranças coletivas. O conceito que fazem de organização é que cada filiado deve funcionar como organizador.

Estes novos líderes têm uma visão crítica sobre o oportunismo da esquerda eleitoral e dos intelectuais das ONGs. Vêem estas pessoas, de alguma forma, como manipuladores que buscam utilizar os movimentos para suas pesquisas e benefício pessoal, não se comprometendo, em primeira instância, com a luta. Os que estão envolvidos em movimentos guerrilheiros são altamente críticos do estilo vertical que era predominante nas antigas guerrilhas. Por exemplo, em El Salvador, muitos dirigentes camponeses criticam a liderança que existia no Exército Revolucionário do Povo (ERP) e em outras organizações que converteram o movimento camponês em uma correia de transmissão. Também possuem uma visão crítica de todos os chamamentos feitos pelos partidos eleitorais para convertê-los, outra vez, em correias de transmissão. Creio que estas características definem a nova onda da esquerda revolucionária.

Quando falamos da esquerda revolucionária camponesa, temos de levar em conta que existem diferentes elementos em sua formação, no nível de luta e no alcance dos respectivos movimentos.

Neste sentido, por exemplo, o Movimento dos Sem-Terra, no Brasil, do ângulo da organização das massas, é o mais avançado. Não em termos da busca do poder, pois, em um certo sentido, poderíamos afirmar que, no caso da Colômbia, existe um duplo poder em muitas regiões do país. Porém, em termos do nível de organização, extensão, profundidade da consciência e capacidade de gerar quadros político-sociais, é um movimento que tem desenvolvido uma trajetória de atividades que está em ascensão. No momento, creio que podemos dizer que, em contraste com o declínio de outras forças políticas no Brasil, a ofensiva, as ocupações e as atividades do MST são uma das poucas manifestações em crescimento que estão questionando a política liberal do governo e criando uma contra-hegemonia, pelo menos frente ao predomínio da agroindústria de exportação, um dos eixos da política do governo.

A ofensiva existe por várias razões. Primeiro porque, neste momento, o MST sabe que as velhas regras do jogo, os pactos sociais



nos anos 80, a política de articulação já não funcionam. Fernando Henrique Cardoso se retira da mesa das negociações e não busca os interlocutores do passado. Seus interlocutores são outros. Não está disposto a dividir a riqueza. Está na ofensiva, mudando as regras do jogo. Desafortunadamente, os partidos de centro-esquerda — e os que pretendem ser —, além da CUT, seguem buscando a mesa de negociações do passado, quando esta já não existe e tampouco existem as condições de discussão. Só o presidente Cardoso e o MST entendem que a situação mudou. Cardoso com as privatizações e o MST com as expropriações estão enfrentando o novo, nas novas definições da política.

Nesta nova política, as mobilizações são necessárias porque há um processo de acumulação de forças dos ativistas. Um pacto e uma desmobilização terminariam com a ascensão do movimento. É necessário continuar a luta porque a dinâmica deste movimento exige, cada vez mais, soluções para populações cada vez maiores.

Passando a outras situações, poderíamos identificar um novo ponto dinâmico, que é o caso da Bolívia. Neste país, os mineiros eram o centro do poder, o movimento sindical de La Paz, o segundo ponto e o movimento camponês, o terceiro. Os primeiros estão golpeados pela reestruturação: de 50 mil mineiros restam 15 mil e sua capacidade de mobilização está cada vez mais limitada. Então, restam os camponeses com uma grande força de mobilização: bloqueiam estradas, provocam greves gerais e marchas sobre a capital.

Estes camponeses bolivianos possuem duas importantes características. Uns são mineiros reconvertidos. Muitos dos mineiros despedidos receberam uma indenização e a converteram em investimento na terra. O único produto que pode gerar renda para manter a vida é a coca porque as importações oriundas da Argentina, Estados Unidos e outros países tornam impossível sobreviver na Bolívia, produzindo trigo ou outros grãos.

Então, uma grande percentagem dos mineiros leva ao campo todas as tradições de luta, como organização, ideologia e assessores. Algumas das cooperativas do Chapare, por exemplo, adotaram o nome das minas em que os ex-mineiros trabalhavam, como "Século XX" e "Catavi". Este contexto muda o caráter da luta. Quando estive na Bolívia, uma pessoa me disse que estou renunciando à tese do proletariado como vanguarda da revolução. Respondi que essa era uma visão a-histórica, a-social e que a reconversão, as condições do trabalho e enfrentamento nos mostram o contrário.

Os Estados Unidos enfrentam a produção de coca convertendo a luta contra a erradicação em uma luta antiimperialista. A vanguarda da luta antiimperialista são os camponeses, principalmente os ex-mineiros, atualmente *cocaleros*. E mais: a partir desta luta, estão criando um grande pólo de ação e mobilização, que começa a influir sobre o conjunto da sociedade.

Neste processo de mobilização camponesa há dois fatores importantes que definem a nova onda. Primeiro, a reivindicação indígena étnica, como luta fundamental no interior da luta social, não permite separar os fatores étnicos, culturais, dentro de um mesmo projeto. São reivindicações que, antes, a esquerda descuidava, acreditando que tudo passava por uma luta econômica. Em segundo lugar, há uma confluência de valores tradicionais religiosos sobre o uso da coca e formas de organização marxista. Então, temos uma luta que combina reivindicações culturais, tradicionais, religiosas — reivindicações étnicas — no enfrentamento com o imperialismo e contra a intervenção do Estado pelo livre mercado e comercialização da coca.

Os defensores do livre mercado são os marxistas que encabeçam a luta dos *cocaleros* e os estatistas são os neoliberais, que usam o Estado para evitar a livre comercialização da coca. Devemos tentar compreender estes paradoxos, neste momento, porque seria muito simplista reduzir esta grande luta, assimilando-a à Revolução de 52, em que se deu o levante dos camponeses na luta pela terra. Agora é diferente porque a luta dos *cocaleros* e os movimentos camponeses não visam principalmente ou unicamente a repartição da terra. Muitos possuem terras, possuem organização. O movimento camponês boliviano tem hoje um projeto e tem uma visão de uma nação diferente, vinculada à cultura e à linguagem indígena.

O terceiro ponto dos novos movimentos camponeses pode ser encontrado na Colômbia, um dos lugares onde a luta camponesa está mais avançada. É certo que o movimento guerrilheiro apresenta características históricas que remontam aos anos 40. Mas também existem dimensões muito diferentes e novas. A primeira é a ruptura com o conceito soviético da luta política. A segunda, a incorporação maciça de camponeses ao movimento, formando 90% do exército revolucionário guerrilheiro da Colômbia. A terceira é a extensão territorial: as Farc está em 500 das 1.000 comunidades rurais e, neste momento, está funcionando como governo em muitas regiões e tem uma capacidade de ação sem paralelo, não só na América Latina, como em muitas outras partes do terceiro mundo. Está

avançando por entre as divisões da classe dominante, contra Samper e contra os Estados Unidos, que pelejam uns com os outros, em meio a conflitos entre diferentes bandos de narcotraficantes.

Por outro lado, neste mesmo período, as grandes companhias de petróleo, em razão da insegurança, contratam batalhões do exército como exércitos privados para proteger os oleodutos. Ocorre, portanto, uma fragmentação do Estado: parte do exército está sob contrato da empresa privada, enquanto outros estão lutando contra o narcotráfico. Samper está lutando ao lado dos Estados Unidos, que procuram descartá-lo. Trata-se de um momento muito propício, em que as Farc tem um projeto coerente, além de um grande financiamento. Autofinanciamento obtido, em parte, pela arrecadação do imposto que cobra dos passageiros e das companhias petrolíferas que estão obrigadas a pagar para continuar produzindo. Então, existe uma dinâmica, tanto territorial como militar, que tem uma inserção profunda no movimento camponês da Colômbia. Samper, para acalmar as críticas dos Estados Unidos, está lançando um plano de erradicação contra 200 mil famílias camponesas, para demonstrar a Washington que é um verdadeiro sustentáculo da luta contra a droga. Esta ofensiva está atirando para as mãos das Farc grande parte dos camponeses que antes se mantinham fora da luta, propiciando uma maior polarização.

Neste contexto, os partidos eleitorais de esquerda têm um papel muito limitado, sem peso, nem capacidade de funcionar. Os mortos da *Unión Patriótica*, que é a frente encabeçada pela esquerda para competir nas eleições, já chegam a dois mil. Cada vez que seus participantes levantam a cabeça, os numerosos paramilitares do exército, da polícia secreta, os eliminam, polarizando-se, cada vez mais, a luta entre o campo e a cidade e entre camponeses e classes dominantes apoiadas pelos Estados Unidos. Novamente, o fator nacional antiimperialista intervém a partir da luta contra as drogas.

Agora, passamos a discutir o campo no México. O zapatismo tem a grande virtude de focar, em nível nacional, o problema do campo e, principalmente, do campo no Sul do país e, no campo, no Sul, a condição dos indígenas. O alcance do zapatismo vai além de Chiapas como movimento camponês. Isto se torna cada vez mais evidente pela simples leitura dos jornais. A cada dia, surge uma nova matéria sobre outros movimentos guerrilheiros: um em Guerrero, outro em Guajaca, preparações em Tabasco, além da existência de milhares de movimentos locais funcionando.

O zapatismo e Marcos, neste sentido, são uma dimensão articulada, expressiva, poética, dramática, com capacidade de mobilização internacional, formando um elemento a mais nesta equação que é o México. Precisamos compreender o caráter do movimento zapatista. Estive lá durante o encontro internacional e tive a oportunidade de ver como funciona este movimento e sua liderança.

Marcos é típico no sentido dos líderes que temos observado atualmente na América Latina. Não é um caudilho, não tem nada a ver com Fidel Castro, por exemplo, ou com os líderes carismáticos do Balcón. É uma pessoa modesta, razoável, discute, escuta, não tem respostas para tudo, para tudo tem perguntas. Está muito mais preocupado com as assembléias e consultas às bases, vive a vida existencial e política ao mesmo tempo. Uma vida pobre, restrita, compartilhando a mesma condição de seus companheiros. Obviamente, tem uma diferença em relação aos líderes de outros movimentos. É um intelectual, mas um intelectual inserido no contexto rural, no contexto indígena, com uma capacidade literária superior a de outros líderes que conhecemos no Brasil, Paraguai, Bolívia e Colômbia, mas toma parte desta nova onda, com virtuoso comprometimento, e tem uma visão que vai além da transformação do campo.

Há pessoas que dizem que Marcos não quer poder, não está interessado em uma transformação a partir da luta. Obviamente! Pois há um cerco de 60 mil soldados ao redor de Chiapas. Marcos e o zapatismo estão buscando romper o cerco porque, atrás deste, há milhões de mexicanos, de camponeses, esperando integrar o movimento político-social. O problema é como romper a barreira militar para chegar a estes cidadãos que estão com esperanças e este problema, que o angustia, Marcos o entende bem. Ele sabe que, se baixam as armas, pode acontecer o que se passou com Zapata. E, como não baixam as armas, fica difícil sair do cerco militar. Então, todas as negociações estão destinadas a descobrir a passagem política, sem se desarmarem e sem serem vitimados.

De sua parte, o governo mexicano não mostra nenhuma intenção de negociar com seriedade, não quer fazer nenhuma concessão, porque sabe que atrás do zapatismo há milhões de mexicanos dispostos a integrar o movimento. Por outro lado, os esforços anteriores de Marcos para lançar uma mensagem inorgânica à sociedade civil não funcionam, porque a sociedade civil é uma abstração. Há classes sociais, há organizações e já existem manifestações, que são levadas em conta por Marcos, de

movimentos indígenas de todo o México, cujos representantes se reuniram em Chiapas, em junho de 1996.

O governo mexicano é muito frágil. Depende do fluxo de capitais especulativos e um empurrão radical, um levante generalizado, poderia provocar outra quebra da economia. O próprio PRI, que agora está militarizando o país, está frágil, devido a lutas internas, intrigas, assassinatos e uma coleção de cleptocratas auto-intitulados de neoliberais. Funciona menos como partido político e mais como uma organização mafiosa no manejo da política.

Creio que nesta situação existem possibilidades de se gestar um movimento a partir do campo. Entretanto, os líderes camponeses não devem se iludir de que eles, sozinhos, irão detonar e culminar a revolução: nem o MST, nem os grupos que atuam na Bolívia, Paraguai ou Colômbia.

Na Colômbia é mais factível uma tomada de poder a partir do campo. Porém, mesmo neste país, existe uma perspectiva de construção da aliança urbano-rural a partir da busca de aliados nas cidades, da busca de setores sindicais de professores e outros que poderiam formar um movimento de nível nacional.

A existência de todos estes movimentos não é o último grito, a última resposta do campo contra o avanço do capitalismo globalizador. Acredito, ao contrário, que o campesinato não está desaparecendo, como alguns marxistas pensavam. Está se fortalecendo e se fortalecendo de novo. Observe-se, por exemplo, as cidades do interior, cada vez mais golpeadas como complexos produtivos urbano-rurais, que poderiam manter trabalhadores no campo para revitalizar as economias internas, como alternativa ao que chamam de globalização, que é a produção para o mercado internacional.

É o mesmo conflito entre dois conceitos, os globalizadores e os que querem aprofundar os laços com as economias domésticas, aprofundar os circuitos de produção. São dois lados da mesma moeda: contra-revolução internacional e revolução a partir de dentro, do profundo, Brasil profundo, México profundo, Bolívia profunda, contra as imposições superficiais dos países irreais que são países imitadores, a começar pela linguagem que usam. Desde expressões culturais como *shopping center*, por exemplo, todo o discurso agora é uma imposição cultural superficial que disfarça um conjunto de acontecimentos que está criando grandes contendas e contradições na sociedade. É difícil entender isto em Manhattan e São Paulo porque estamos falando de mundos que estão fechados em seu próprio universo, em seu próprio

provincialismo, que pensam que tudo começa e termina em círculos de atividades elementares e não vêem o grande Brasil, o grande Paraguai, a grande Bolívia, o grande México.

No México, Marcos tem marcado o caminho para muitos intelectuais que têm feito a viagem até o interior, evidenciando-se um processo reciclador. Pablo Gonzáles Casanova, o grande sociólogo, passa mais tempo em Chiapas do que na Unam. É um homem maduro, consciente e vem sempre fazendo sua última aventura. Está consciente da dinâmica deste novo processo que, como afirmei no início, é o detonador da nova onda revolucionária.

E simplesmente quero concluir dizendo que nada é inevitável. Alguém me perguntava se não é possível que a terceira onda seja assimilada, absorvida como as anteriores, com os líderes cooptados, incorporados ao processo?

É possível. Nada é garantido, nem na política revolucionária, nem no amor. Mas é uma proposta, é uma possibilidade, está aberta a alternativa. Quando alguém pergunta: "onde está a alternativa?" Respondo: abram os olhos, façam um "alto" em sua caminhada e irão descobrir a alternativa. Mas não irão encontrá-la chorando sobre utopias perdidas, utopias falsas, fundamentadas em outras experiências, em outras regiões, em outros momentos históricos.